

ENTRE A ANTIGÜIDADE E O MEDIEVO: OS ELEMENTOS DO HERÓI NO WALTHARIUS

Adriana Zierer*

Abstract

*The goal of this paper is to present the elements of the hero Waltharius, in the poem which takes his name. The manuscript was produced in latin between IXth and Xth centuries presenting elements of the German lives and their contact with Attila in Vth century, when he dominated various german tribes. The narrative tells the importance of Germanic familiar structure and the kinship ties. The main male characters are Waltharius, from Aquitane, Hagen, Frankish warrior and Gunther, Frank king. While the first two have elements of classical heroes' elements, inspired in Odysseus and Aeneas, king Gunther is a model of anti-hero. The central plot shows an important element of Germanic epic, the fight for a "cursed treasure", which Waltharius and his betrothed, the burgund Hildegunt carry from their escape of the Hun's kingdom. The poem also has Christian influences through the work **Psychomachia** (400 A.d), by Prudentius.*

Key-words: Waltharius; hero; classic epic; Middle Ages.

Resumo

*O objetivo deste artigo é apresentar os elementos do herói Valtário no poema que leva seu nome. O manuscrito foi produzido em latim entre os séculos IX e X, mostrando elementos da vida dos germanos e seu contato com Átila no século V, quando este dominou várias tribos germânicas. A narrativa relata a importância da estrutura familiar germânica e os laços de parentesco. Os principais personagens masculinos são Valtário, da Aquitânia; Hagen, guerreiro franco; e o rei Gunther, rei dos francos. Enquanto estes dois primeiros possuem elementos de heróis clássicos, como Ulisses e Enéas, o rei Gunther é o modelo de anti-herói. Como trama central, aparece um elemento importante das epopéias germânicas: a luta por um "tesouro maldito", que Valtário e sua prometida, a burgúndia Hildegunda, carregam de sua fuga do reino dos hunos. O poema tem ainda influências cristãs, através da obra **Psychomachia** (c. 400), de Prudêncio.*

Palavras-Chave: Waltharius; herói; épica clássica; Idade Média.

* Professora adjunta de História Medieval. Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Contexto histórico e autoria da obra

O poema anônimo **Waltharius** retrata a atmosfera do século V, quando Átila fez incursões no Ocidente e dominou vários povos germânicos. A obra se divide entre três tradições: clássica, germânica e cristã, o que permite uma grande riqueza no seu estudo. Embora não seja um retrato histórico, menciona personagens do contexto do século V, como o rei burgúndio Gunther, que aparece no poema como um rei franco e o tártaro-mongol Átila, que dominou povos da Gália.

A narrativa desenvolve-se no período da queda do Império Romano do Ocidente, o século V. Desde o século III, os germanos passam a se infiltrar no território romano através de diversas migrações. São para lá atraídos devido às terras férteis e riquezas do Império e passam a atuar como federados, participando do exército e também trabalhando nas lavouras, na condição de colonos. A partir dos séculos IV e V, fica impossível o controle desses grupos que, além das migrações pacíficas, também chegam em vagas violentas. Muitos são empurrados pelos hunos, povo tártaro-mongol que se unifica sob a liderança de Átila, e passam a assolar várias localidades. Os visigodos saqueiam Roma em 410 e mais tarde fundam um reino na Aquitânia.

O poema conta justamente a chegada de Átila e o seu domínio sobre os povos germânicos já instalados em reinos independentes no Império, após o seu declínio. Na Gália são retratados três povos, respectivamente, os aquitanos,¹ os francos² e os burgúndios. Nenhum desses três é capaz de combater Átila e pedem a paz. O guerreiro exige tesouros e, como reféns, os três filhos dos soberanos de cada região, que, além disso, passam a pagar a ele uma importância anual. Destes são entregues Valtário, filho do soberano da Aquitânia, a princesa Hildegunda, filha do governante da Burgúndia, e Hagen, de origem nobre, proveniente dos francos, escolhido em lugar de Gunther, herdeiro recém-nascido daquele povo e que não estava apto para enfrentar a viagem à Panônia, na Hungria, sede dos hunos. Estas três crianças são educadas por Átila e sua esposa, Ospirin, que, segundo o relato, não possuíam filhos.

Os rapazes são treinados nas artes das armas e a moça de origem burgúndia passa a guardar o tesouro real. Logo os dois reféns masculinos provam ter mais qualidades guerreiras que os próprios hunos e são incorporados ao seu exército. Mas todos os reféns pretendem fugir e retornar à terra natal, o que fazem mais tarde.

Historicamente, os burgúndios, originários talvez da ilha báltica de Bornholm (*borghundarholm*), foram empurrados pelos gépidos em direção ao Reno e se estabeleceram com o consentimento dos romanos na Gália como federados, em 413. Sua capital situava-se em Worms e adotaram o cristianismo ariano. No entanto, ao tentarem se expandir para a Bélgica (435), encontraram a resistência do Império. Este enviou contra eles um exército de mercenários hunos, que infligiu uma séria derrota ao rei Gunther – retratado como personagem do nosso poema –, obrigando os burgúndios a fixarem-se no sul da Gália. A conquista dos burgúndios por Átila é tema recorrente na epopéia germânica, como, por exemplo, no ciclo dos nibelungos.

Por volta de 434, Átila havia unificado as tribos mongóis, tendo lutado e absorvido vários povos germânicos. No ano seguinte, lançou-se sobre a Gália, mas foi derrotado por Aécio nos Campos Catalaúnicos (451), graças a contingentes visigodos em apoio aos romanos. Morreu em 453. Apesar da visão do “Flagelo de Deus”, como é conhecido nos relatos cristãos, Átila aparece de forma positiva nas epopéias germânicas, como *Waltharius*, que glorificam sua força e coragem, justificando assim a derrota de seus compatriotas.

O poema, escrito entre os séculos IX e X, num período de desmembramento do Império Carolíngio, mostra o rei Gunther como exemplo de anti-herói, o que pode ser visto como uma crítica aos merovíngios; aos carolíngios fracos, após a morte de Carlos Magno; ou, ainda, uma crítica dos visigodos aos soberanos francos. As ações deste governante na narrativa estão ligadas à cobiça, levando, por isso, à guerra e a várias mortes.

Existem algumas possibilidades de autoria do *Waltharius*, mas nenhuma confirmada. Em primeiro lugar, poderia ter sido escrito pelo monge Ekkehard I (900-973), do mosteiro de Sankt Gallen, pois em meados do século XI um monge chamado Ekkehard IV atribuiu a autoria do poema a um outro monge do mesmo nome (FLORIO, 2002, p. 50). Em segundo lugar, poderia ser o autor do prólogo, Geraldo, que o teria dedicado ao bispo Ercambaldo de Estrasburgo, mas estudos posteriores parecem comprovar que o autor do prólogo não é o mesmo do poema. Por fim, o poeta seria pertencente à corte de Carlos Magno. No entanto, nenhuma dessas possibilidades de autoria é conclusiva.

A principal fonte do *Waltharius* consiste no *Waldere*, um poema anglo-saxão do século VIII, do qual restam somente dois fragmentos, que contêm a lenda de Valtário e Hildegunda, demonstrando uma tradição lendária paralela, constituída por um *lais* perdido, escrito em Antigo Alto Alemão (FLORIO, 2002, p. 20).

Os atributos dos heróis no *Waltharius*

É interessante observar os elementos do herói neste poema germânico e suas aproximações aos valores germânicos, clássicos e cristãos. A construção de sua figura é bastante pautada nos modelos greco-romanos, especialmente em Ulisses, Enéas e Turno.

Sobre a figura do herói, Campbell (1949, p. 28) afirma que ele é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais. Para Curtius, o herói é um ideal humano, tendo como virtude fundamental a nobreza do corpo e da alma. Ele vai além dos outros seres humanos e toma atitudes excepcionais, o que é conseguido através do domínio de si próprio, da responsabilidade e da audácia.

Para realizar a sua missão, o herói deve passar por provações que consistem em separação, iniciação e retorno, que recebem o nome de momito (CAMPBELL, 1949, p. 36). A separação significa o afastamento do mundo cotidiano, quando o herói sai de seu ambiente natural e é levado para uma terra distante – no caso do poema, a Panônia; a iniciação é a própria viagem de volta, repleta de aventuras, momento no qual Valtário enfrentará provas e combates, alcançando o domínio de suas habilidades físicas e espirituais e conhecerá a vitória. Por fim, o herói retorna ao ponto de partida – no caso de Valtário, torna-se rei da Aquitânia, conhecendo muitas vitórias e tornando-se o líder da sua comunidade.

Nas viagens dos heróis clássicos, ocorrem sempre desvios e retrocessos relacionados às suas experiências espirituais. Ulisses, por exemplo, demora dez anos na viagem de retorno de Tróia a Ítaca, enfrentando uma série de aventuras, assim como Enéas, antes de chegar à Itália, terra prometida onde os troianos iniciaram uma nova identidade, enfrenta várias peripécias.

No caso de Valtário, faria mais sentido sair da Panônia para a terra de Hildegunda, a Borgonha; porém, o herói escolhe o caminho mais longo, passando por Worms, onde enfrenta o rei Gunther e seus guerreiros.

Tal como nos poemas clássicos, Valtário é dotado de força física e espiritual, qualidades de Enéas. Representa um arquétipo masculino, por possuir grande força física, com vigor e resistência excepcionais, mesmo após sucessivos combates. Nos poemas clássicos, como a **Ilíada**, são ressaltados os dois tipos principais de heróis: o herói que reflete, como o sábio Nestor, e o herói colérico, como Aquiles, que, ao matar Heitor, vingando a morte de seu amigo Pátroclo, profana o cadáver do troiano, arrastando-o em volta da cidade, numa atitude marcada pela ira.

Na **Ilíada**, há o confronto entre a impetuosa juventude e a sabedoria da velhice. Aquiles se decide por uma vida breve, porém gloriosa, a fim de aumentar e preservar a sua honra (*timê*). Ele não possui medo da morte e se deixa levar pelas paixões (agressividade, ira, ódio) e também pelos sentimentos, como a amizade. Na **Eneida**, as ações de Turno são tomadas pela fúria, incorporando elementos de Aquiles.

Os heróis mais louvados na **Ilíada** são os que se regem pela sabedoria, como Nestor, que, mesmo mais idoso que os demais, sabe dar bons conselhos, e Ulisses, que encontra o equilíbrio entre a força e a razão. Neste sentido, Ulisses apresenta justa proporção de habilidades: heroísmo, capacidade guerreira e sabedoria (CURTIUS, 1979, p. 178). Ulisses possui grande inteligência e astúcia: é dele a idéia da construção do cavalo de Tróia, que leva à derrota do exército troiano.

Na **Odisséia**, ele reconquista a soberania através de várias etapas, enfrentando as aventuras, agindo com sabedoria e astúcia (*polymetis*), além de se manter paciente (*polytlas*) até o fim, vencendo os seus inimigos e retomando o seu lugar como rei de Ítaca.

Curtius divide dois tipos de virtude na **Ilíada**: a *virtude do herói* e a *virtude do soldado*. Enquanto a virtude do último é centrada na capacidade de lutar e participar do Conselho de Guerra, a virtude do herói é mais complexa, envolvendo componentes espirituais. Assim, o herói deve possuir a sabedoria da velhice (Nestor), a sabedoria do homem maduro (Ulisses), a eloquência (Nestor e Ulisses) e a capacidade de ser bem falante e hábil nos feitos (CURTIUS, 1979, p. 178-179).

A **Eneida**, escrita na época de Augusto, sugere um novo modelo heróico, baseado na força moral. Por isso, Enéas é sempre referido como o “piedoso Enéas”, aquele que procura ser justo e quer evitar a guerra, mas não consegue afastar-se dela e por isso se curva à vontade dos deuses. Após

a Guerra de Tróia, quando chegou a ser obcecado pelo furor durante os combates, sofre um processo de purificação. Atua nas lutas até chegar ao local de sua nova pátria, mas sabendo que os combates levam ao sofrimento. Sua visão está impregnada pela ótica dos vencidos, uma vez que, após a perda da terra natal, tudo o que deseja é a formação de uma nova pátria. Já Turno, o principal opositor de Enéas, que irá levar à guerra pela mão da latina Lavínia, representa o ideal do herói colérico, como Aquiles, que se deixa tomar pela ira.

Curtius ressalta que Valtário e Hagen possuem, juntos, os atributos da sabedoria (*sapientia*) e da força (*fortitudo*). A obra **Waltharius** enfatiza que, criados pelos hunos, os rapazes provam, no entanto, possuir mais qualidades guerreiras que os próprios hunos e por isso são incorporados ao seu exército:

*Os jovens, à medida que cresciam em sabedoria e em idade, superavam aos guerreiros em forças e aos sábios em talento, até o ponto em que chegaram a superar todos os hunos em valentia. Átila os colocou então à frente do exército (Waltharius vv. 100-106).*³

Esse atributo dos dois jovens é muito importante porque no início do poema é ressaltado que os hunos só haviam vencido os povos germânicos “pela coragem dos seus guerreiros e sua destreza no uso das armas” (*populus fortis virtute vigeat et armis*) (v. 6). Portanto, os dois jovens germanos apresentam traços de verdadeiros heróis. Com a morte do soberano franco, assume o poder seu filho Gunther e este se nega a continuar pagando tributos aos hunos. Neste momento, Hagen, sentindo-se também desobrigado, foge e volta à terra natal.

Desejando estreitar os laços de Valtário na Panônia, em virtude de seus feitos guerreiros, Ospirin, esposa de Átila, aconselha o marido a tomar precauções para não perder o sustentáculo do poderio huno (*imperii labatur forte columna*) (v. 126), sugerindo que o jovem procurasse uma moça local para se casar.

Por causa disso, o herói e sua prometida, a burgúndia Hildegunda, planejam e fogem durante um banquete que comemorava as façanhas dos hunos, levando parte do tesouro destes. Ao descobrir que os jovens haviam escapado, Ospirin demonstra tristeza e preocupação, pelo fato de os hunos haverem perdido “*a coluna que sustentava o (vosso) império: a força e o renomado valor se foram. Fugiu Valtário, luz da Panônia, levando também a minha protegida, a querida Hildegunda*” (vv. 376-379).⁴

Além de Valtário, outro guerreiro louvado no poema é seu amigo Hagen, descrito como possuidor de ascendência troiana (v. 28), estando ambos qualificados positivamente. A ênfase sobre a origem troiana de Hagen mostra a ligação dos heróis com a épica clássica, especialmente com a *Eneida*, cujo eixo central é justamente as aventuras do troiano Enéas em busca de um novo lar, após a derrota na Guerra de Tróia. Valtário é intitulado no poema como *heros magnanimus, vir maximus* (grande herói), *laudabilis heros* (ou, então, com a variante de *fortissimus heros*), *vir praecipuus* (bravo guerreiro) (v. 1386). Era um vencedor incólume, sem nunca ter sido derrotado nas batalhas (v. 416). É importante destacar que a força e a bravura do personagem central estão relacionadas aos traços dos heróis clássicos. Sua força descomunal é proporcional a sua capacidade de vencer cada oponente em combate singular. Chega a ser comparado a um gigante (v. 333). Além da força física, também possui inteligência, capaz de lhe garantir uma boa estratégia no combate.

Um atributo importante do herói é a viagem que realiza rumo ao Além, para alcançar a plenitude de suas habilidades e o domínio sobre si mesmo. Esta viagem acarreta uma morte ritual e um renascimento, quando o herói sobrepuja a morte e retorna da terra definitivamente com poder criador. É possível se identificar esta morte simbólica com as lutas que Valtário enfrenta com os oponentes, quando está numa gruta.

Um exemplo de passagem ao Além na epopéia clássica é quando, na **Odisséia**, Ulisses e seus companheiros ficam presos na caverna do ciclope Polifemo, monstro antropófago que devora de dois a dois os companheiros de Ulisses e que pretende comer todos. O ciclope, por possuir um único olho, representa um ser num estágio primitivo. Para vencê-lo, Ulisses utiliza a sua astúcia e inteligência, dizendo ao gigante que se chamava “Ninguém”, embebedando-o e cegando seu único olho com uma estaca incandescente. Os outros ciclopes não vêm socorrê-lo, pois pensam que Polifemo está fora de si, uma vez que, ao pedir ajuda, afirma: “Matou-me, foi Ninguém” (HOMERO. **Odisséia** Livro IX, v. 319). Assim, Ulisses e seus companheiros conseguem se esconder debaixo das ovelhas e escapar da caverna. Ao conseguir fugir e salvar os companheiros, Ulisses ultrapassa um limiar, o que representa um amadurecimento das habilidades do herói.

Outro exemplo desta passagem ao Outro Mundo é quando, no mesmo poema, Ulisses, aconselhado por Circe, vai até o Hades ouvir as previsões do adivinho Tirésias sobre a viagem (Livro XI). Na **Eneida**, Enéas também

faz uma jornada ao mundo dos mortos; quando aconselhado pelos deuses, vai ao Tártaro ouvir os presságios de seu pai, Anquises, que prevê as glórias vindouras na nova terra dos troianos (Livro VI).

Valtário enfrenta uma experiência iniciática no Além, que irá aumentar a consciência de seu valor como herói. O rei Gunther, ao tentar se apossar do tesouro dos hunos e de Hildegunda, envia uma série de guerreiros para lutar em combate singular com o herói. Hagen, conhecendo o valor do herói aquitano, tenta dissuadir o soberano franco:

Poderoso entre os reis, tão somente uma coisa lhe digo: se tivesses visto pelear Valtário tantas vezes como eu o vi, se tivesses visto como se enfurecia tantas vezes como vi, jamais te ocorreria pensar que espoliá-lo pudesse ser uma tarefa tão fácil. O vi guiar os exércitos da Panônia quando guerreavam contra ele povos do norte e do sul: ali Valtário brilhou pela coragem demonstrada, provocando terror nos inimigos e admiração em suas próprias fileiras. Qualquer um que se enfrentasse com ele, terminava vendo o Tártaro (vv. 520-527 - grifo nosso).⁵

Mas mesmo após esses conselhos, o rei não muda de idéia e começa a mandar seus guerreiros para enfrentar o aquitano. Os motivos que os levaram a participar da luta são vários: a obediência a seu senhor; para vingar um familiar; por desejo de renome, de glória; e/ou para conseguir uma parte do tesouro.

Tácito, na **Germânia** (século I), enfatiza a instituição do *comitatus* entre os germanos. Seria uma desonra o guerreiro viver, apesar da morte do chefe. Segundo o autor:

É desonroso para o príncipe ser excedido em bravura no campo de batalha pelos seus soldados, como é desonra para estes, em iguais circunstâncias, não igualar o príncipe em valor. É porém, acima de tudo, opróbrio e covardia, sobreviver ao seu chefe morto na peleja (TÁCITO. **Germânia** cap. XIV).

Além disso, segundo o mesmo autor, era vergonhoso perder o escudo no combate e era necessário, ainda, recolher os corpos dos soldados mortos em combate. Daí o fato de tantos guerreiros obedecerem ao rei, em virtude da sua fidelidade ao chefe.

Valtário escolhe lutar com os oponentes numa gruta, um local privilegiado, onde vence todos os inimigos. Inicialmente, derrota oito guerreiros em combate singular, e depois o rei Gunther vai enfrentá-lo, juntamente com outros três companheiros. Estes quatro lutam, lado a lado em meio a um grande tumulto contra um só guerreiro, empregando seus maiores esforços (vv. 1011-1012).

Apesar da disparidade numérica, com quatro combatentes lutando contra um, Valtário vence a luta. Temendo a morte, após seus três guerreiros serem mortos pelo herói, o soberano franco foge e passa a estimular Hagen a lutar contra Valtário. Hagen só decide lutar com ele no segundo dia, por fidelidade a Gunther e para vingar a morte de seus parentes. Valtário tenta dissuadi-lo do combate, uma vez que o considerava seu amigo, mas Hagen justifica, dizendo: “Mataste tantos companheiros e inclusive familiares meus” (*Et tot stravisses socios immoque propinquos!/Excusares nequis, quin me tunc affore nosses*, vv. 1268-1269) e, também, “de tuas mãos reclamo o sangue de meu sobrinho” (*Deque tuis manibus caedem perquiro nepotis*, v. 1278).

A vingança familiar era uma prática comum entre os germanos e, para se evitarem “banhos de sangue”, era adotada a prática do *wergeld*, isto é, o preço do homem, uma taxação por qualquer dano sofrido por uma família, aspecto não retratado nas epopéias, que visavam justamente relatar os combates travados.

Através de um ardil, os dois guerreiros, Hagen e o rei Gunther, conseguem fazer Valtário sair do esconderijo e lutar em campo aberto, onde enfrenta os dois ao mesmo tempo e mesmo assim vence.

A gruta é um elemento importante associado à caverna, que é um arquétipo do útero materno. Numerosas cerimônias de iniciação ocorriam com a passagem do postulante por uma caverna, que também está associada à inteligência e à reflexão (mito da caverna, de Platão). A caverna era tida como um receptáculo de energia e lugar de nascimento e regeneração (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 212-216).

É o local no qual vivem os anões e onde guardam seus tesouros. Por vezes, ela sugere a passagem da terra ao céu, mas em **Waltharius** simboliza principalmente o momento de amadurecimento do herói e a tomada de consciência das suas habilidades. É um limiar, representando a passagem ao Além e o renascimento. Através dos combates, fica patente a condição de superioridade de Valtário como herói e a impossibilidade de ele ser

derrotado, estando apto para cumprir o seu destino. Após a saída da gruta, Valtário irá se deparar com Hagen, um guerreiro que admira, e superar o medo da morte. Mas ele prefere arriscar-se a morrer, a passar por uma vida sem glórias.

Valtário foi ferido somente ao lutar com este importante oponente e, no final da luta, ambos são chamados de “os dois magníficos heróis” (*duo magnanimi heroes*, v. 1399). Hagen é um guerreiro que sabe o seu ofício e o lugar que lhe corresponde no mundo hierarquizado em que vive. É levado pelos acontecimentos que não gerou e não pode controlar (FLORIO, 2002, p. 30).

Um aspecto relevante do poema é o “tesouro maldito”, muito presente nas narrativas nórdicas. Alcançar o tesouro é muitas vezes o objetivo do herói, mas através dele várias desgraças e mortes ocorrerão, tal como acontece com Siegfried em **A Canção dos Nibelungos**. O tema se repete no **Waltharius**: o herói permanece com as riquezas, mas por causa delas muitas desgraças acontecem. Neste sentido é que pode ser destacado o sonho premonitório de Hagen, indicando que Valtário venceria os combates.

No sonho, um urso havia lhe dado uma patada e lhe arrancado um olho, parte do rosto e seis dentes. Florio lembra os importantes estudos medievais sobre a noção do Além na Idade Média, muitas vezes relacionados a um sonho, a *visio*. No caso de **Waltharius**, no entanto, o estudioso destaca que o sonho funciona como uma antecipação ao ouvinte-leitor das ações que ocorreriam no desfecho do poema.

Valtário é associado a um animal imponente, considerado o rei dos animais, pelos celtas e germanos, devido a sua grande força: o urso. Para os vikings, por exemplo, o uso da pele de animais pelos *berserkers* os levava a acreditarem assumir a força do urso, que lhes garantiria a vitória nos combates (LIBERMAN, 2004, p. 97-101). No caso dos celtas, o urso, *arth* em galês, é o símbolo da classe guerreira. Este radical está associado a Artur, que, na **Historia Regum Britanniae** (século XII), é capaz de vencer todos os seus oponentes em combate singular, além de enfrentar e vencer dois gigantes (ZIERER, 2002, p. 45-61). Artur está ligado aos significados de *ar* (trabalhador em indo-europeu) e *arta* (ordem, proveniente do sânscrito), estando vinculado a uma espécie de divindade indo-européia, simbolizando um Deus Agricultor e Caçador, que garante a prosperidade (MARKALE, 1977, p. 297-298). Para os celtas, as constelações da Ursa Maior e Menor eram chamadas de carro de Artur (*Cerbyd Arthur*).

Na cultura grega, o urso também é associado à força, estando especialmente relacionado à Deusa Ártemis (*árktos*: ursa), Deusa da Caça e símbolo da fertilidade para as mulheres, animais e vegetais, associada à fecundidade feminina e à boa hora no parto (THEML, 2005, p. 263). O santuário de Brauron, em Atenas, estava ligado, assim como Artur, à constelação da Ursa Maior. Devido a sua importância, eram realizadas periodicamente festas dedicadas a esta deusa nas quais as meninas vestiam o *krokotos* (túnica imitando a pelagem da ursa), visando a sua preparação para a maternidade e para ter vários filhos.

Assim, a associação de Valtário com o urso, no sonho de Hagen, o ligava ao atributo da força e da invencibilidade, relacionada a divindades celtas e gregas. O sopro misterioso do urso provém da caverna, como expressão da obscuridade, e está ligado à simbologia lunar (Ártemis, relacionada à lua) e noturna, bem como às paisagens internas da terra mãe (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 924-925). É interessante observar no poema a integração dos três elementos – caverna, tesouro e urso, todos eles relacionados ao herói.

Outro animal importante na mitologia germânica e também relacionado a Artur, o rei-herói celta, é o dragão⁶, associado a personagens germânicos em outras narrativas, como a **Nibelungenlied**. Siegfried, ao matar o dragão que guardava o tesouro dos nibelungos, banha-se em seu sangue e torna-se invulnerável (**A Canção dos Nibelungos**, 1993, p. 26).⁷

Valtário está também associado ao leão, uma vez que o seu cavalo, capaz de levá-lo e a Hildegunda na fuga do reino dos hunos à Aquitânia, terra do herói, possui esse nome como um aspecto da sua força física. No poema, ao relatar a luta de Valtário com Hagen e Gunther, estes são comparados a cães, animais inferiores ao urso; daí a importância do estudo da simbologia animal para a compreensão do **Waltharius**. Quando Valtário começa a vencer os primeiros guerreiros do rei Gunther, eles passam a compará-lo com animais, como a serpente, já que a sua couraça era impenetrável (v. 790). A serpente é um animal que está relacionado ao dragão, cujo sangue garantiu a invulnerabilidade a Siegfried, na **Canção dos Nibelungos**.

É importante salientar que as armas dos opositores de Valtário são, além da espada e da lança, a flecha, o tridente e o *machado de dois gumes*.⁸ Já Valtário utiliza, no combate com os inimigos, unicamente a espada, a

lança e o escudo, que são por excelência as armas do herói e representam muitas vezes a luta contra a injustiça. Vários heróis medievais possuem espadas com nomes, como Rolando (Durendal), Artur (Excalibur), Siegfried (Balmung). No **Waldere**, considerado uma das fontes do **Waltharius**, a espada do herói tem nome: *Mimming*.

Apesar de Valtário possuir vários elementos de Enéas, em certos momentos age consumido pela cólera, aproximando-se de traços do herói Turno, algumas vezes também comparado ao leão na **Eneida**. Valtário, ao enfrentar uma série de oponentes em combate singular, mata-os e depois corta as suas cabeças, tal como Turno agiu contra os troianos, como, por exemplo, na luta contra Pândaro:

Juno desviou o golpe que vinha para Turno e a lança crava-se na porta. 'Ao menos não escaparás deste ferro que minha poderosa destra vibra, que de outro são o golpe e a ferida.' Assim fala e empina-se alto brandindo a espada com toda a sua altura, com um golpe do ferro fende-lhe a fronte entre as duas têmporas e separa as faces imberbes com monstruosa figura. Ouviu-se um baque; a terra é abalada sob o enorme peso; junca o solo, moribundo, com seus membros desfalecidos e suas armas tintas do sangue do cérebro; cortada em duas partes iguais sua cabeça pende suspensa de um e outro ombro (VERGÍLIO. **Eneida** Livro Nono, p. 193 – grifo nosso).

Ou, ainda, contra outro combatente:

*(...) (Turno) forcejando com a sua vibrante espada, alcança Linceu que se dirigia contra ele e chamava os companheiros; com um só golpe, vibrado de perto, **decepa-lhe a cabeça que voa longe, juntamente com o capacete*** (VERGÍLIO. **Eneida** Livro Nono, p. 194 – grifo nosso).

O corte da cabeça também está associado a crenças célticas, que consideravam que a vida se concentrava na cabeça. Um exemplo ocorre no **Mabinogion**, quando Bran, mesmo com a cabeça cortada, ainda se alimenta e vive muitos anos. Entre os irlandeses e gauleses, a cabeça dos inimigos vencidos era carregada como prêmio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 152) e alguns povos, desde a Antiguidade (ex: mito de Sansão), bem como os merovíngios na Idade Média, acreditavam que a força estava

não somente na cabeça, mas também nos cabelos (FRANCO JR., 1996, p. 165). No entanto, Valtário, após cortar a cabeça dos oponentes, preocupa-se com o seu destino após a morte, apresentando uma coloração cristã à narrativa.

Gunther, soberano dos francos, é apresentado de forma negativa no poema como o “soberbo rei Gunther” (*Guntharius princeps ex hac ratione superbus*, v. 468), personificando os maiores vícios humanos. É o modelo de arrogância, oposto à prudência da obra *Psychomachia*, de Prudêncio (FLORIO, 2002, p. 31, nt. 24). Manipula os súditos para conseguir objetivos pessoais, representando o governante inescrupuloso, dominado pela avareza, ao cobiçar o tesouro e sacrificar os súditos em nome dele. Sua atitude arrogante é enfatizada quando nega o conselho de Hagen para aceitar a proposta de Valtário de dividir o tesouro ou de desistir do combate, enviando seus guerreiros à morte. Seu egoísmo e cobiça diante das riquezas levaram ao sacrifício de seus principais guerreiros (11 mortos), à mutilação de Hagen, de Valtário e a sua própria (perde uma perna).

Enfatizando a importância do herói, Valtário é o único que, apesar de mutilado (perde a mão direita), consegue vencer os dois oponentes que lutaram contra ele e continua a exercer a atividade de guerreiro. A conclusão final do autor do poema é que há bens mais valiosos que os materiais e os três guerreiros separam-se como amigos. O poema conta que, após a sua vitória, Valtário se casou com Hildegunda e se tornou rei, vencendo ainda muitas batalhas.

Ao contrário da épica clássica, no *Waltharius* os deuses não auxiliam o herói, e sim é uma força terrena que dá sentido à narrativa: o desejo pela posse do tesouro, que ocasiona a guerra e, ao mesmo tempo, enfatiza as qualidades do herói, pois o tesouro levará aos combates singulares e reforça as qualidades físicas e espirituais de Valtário.

Elementos cristãos na narrativa resultam numa ambigüidade no comportamento do herói. Seu desejo em levar o tesouro de Átila e de não entregá-lo aos francos pode ser apontado como uma característica da cobiça. Ao mesmo tempo, é o único personagem do relato que apresenta características cristãs, por pedir o auxílio de Deus antes das batalhas (vv. 570-571). Após matar cada oponente, também lamenta e deseja encontrar-se com eles no Paraíso, uma atitude não muito própria de um guerreiro germânico, ainda imbuído de muitas crenças não-cristãs.

No centro do poema estão os costumes germânicos: a família patriarcal, com a autoridade do chefe da família; o *comitatus*, isto é, a fidelidade dos guerreiros ao chefe, que muitas vezes os fazem assumir o dever de vingança, atitude tomada por Hagen, que era amigo de Valtário, contra este, por lealdade a Gunther. Também, a submissão da mulher ao pai e ao marido e seu papel secundário na trama; e as necessidades de, numa sociedade guerreira, se centrarem os valores mais importantes nas atividades bélicas: força, bravura, coragem, daí a circulação de histórias orais em vernáculo para a educação dos jovens, preservando a sua identidade comunitária através da recordação das façanhas guerreiras.

É relevante destacar a importância da família germânica, que era numerosa e se constituía na instituição protetora por excelência. O chefe da família é proprietário do *mund* de seus filhos, guardião da pureza do sangue e da descendência e passa esse poder ao primogênito, através do casamento e do noivado. No noivado, os pais da noiva recebem uma certa quantia, e após o casamento, comprovada a virgindade feminina, a esposa recebe um presente. Teoricamente, não se podia obrigar os filhos a aceitar o casamento à força, mas, na prática, eram os pais que escolhiam, o que é confirmado por pensadores medievais, como Gregório de Tours (538-595). Segundo este religioso, os burgúndios cobravam altas taxas se a moça escolhesse o seu pretendente espontaneamente e em segredo. Caso isso ocorresse, a jovem era considerada adúltera e estava “perdida” (ROUCHE, 1989, p. 450-457). Já o noivo pagaria duas vezes o *mund*, preço nupcial, e poderia se casar de novo. No caso de adultério depois do casamento, a pena da mulher era ser estrangulada ou afogada.⁹

A manutenção da virgindade também era importante na sociedade greco-romana. O casamento com uma virgem implicaria a garantia da transmissão de descendência e o matrimônio estava essencialmente ligado à manutenção da propriedade e garantia de continuidade do patrimônio familiar (VEYNE, 2004, p. 42-53). Entre os gregos, por exemplo, havia o ideal da mulher-abelha, que não saía de casa e permanecia reclusa no gineceu, com a função de procriar. Apesar desta visão negativa sobre o feminino, a mulher, no entanto, adotava táticas para subverter a dominação masculina, buscando espaços de ação na sociedade através de ligações de amizade e vínculos informais, participando assim do espaço público através das festas rituais (LESSA, 2004).

No caso do **Waltharius**, é importante observar o papel positivo da união feminino-masculino. Valtário e Hildegunda haviam sido prometidos pelos pais, motivo pelo qual se amam, mas estão impedidos de se casar por estarem sob o domínio dos hunos. A atitude de fuga dos enamorados retrata o desejo de seguir uma ordem dada pelos pais biológicos, traduzida no poema através do amor mútuo que sentem um pelo outro.¹⁰

Respeitando a tradição germânica de manutenção da virgindade da moça até o casamento, eles não mantêm relações sexuais durante a sua fuga, o que no texto enfatiza a virtude do herói e também um aspecto cristão: o herói se abstém de desejos carnavais, motivo que o levaria à vitória, segundo a concepção cristã.

Ao contrário das origens germânicas, nas quais as mulheres participavam das guerras, como a sacerdotisa Veleda, que no século I liderou uma revolta contra os romanos, a mulher germânica do século V está relegada às atividades domésticas de cuidar dos filhos e do marido. Em **Waltharius**, Hildegunda é encarregada de tomar conta do tesouro real e também cura as feridas de Valtário. A obra **Germânia**, de Tácito, ao descrever os costumes dos germanos, também ressalta o fato de que as mulheres cuidavam dos ferimentos dos companheiros (TÁCITO. **Germânia** cap. VII).

Apesar do papel secundário atribuído à figura feminina no **Waltharius**, a união entre feminino-masculino é vista de forma positiva, como elemento essencial capaz de vencer todos os obstáculos. Através desta aliança, Valtário torna-se invencível (FLORIO, 2002, p. 32).

Ao término do poema, Hagen fará uma reflexão sobre o pecado da avareza, que levou à morte e à mutilação. O discurso é inspirado na obra **Psychomachia**, de Prudêncio (384-405), poema alegórico que mostra uma série de duelos entre os vícios e as virtudes, personificados no texto através de heróis que lutam pela alma humana. O exército de vícios é comandado pela Idolatria; já o das virtudes, dirigido pela Fé, vence os combates (LEJAY, 2005).

Através da mutilação, **Waltharius** enfatiza a condição humana, uma vez que, apesar da superioridade física de Valtário, ele também é ferido e recebe um castigo, assim como seus companheiros, mostrando a submissão dos homens a uma força maior: Deus. O último verso encerra o poema com uma tonalidade cristã: “Que Jesus conceda a eles a salvação” (*vos salvet Iesus*, v. 1456).

Na cena final, após os combates, Valtário pede a Hildegunda que sirva vinho primeiro a Hagen, pelas suas qualidades de guerreiro, depois a ele, devido às lutas enfrentadas, e por último ao soberano franco, denotando o seu papel inferior como combatente. Antes que ela faça isso, Hagen exige que Hildegunda sirva Valtário primeiro, porque, segundo Hagen, “ele é mais forte que eu e se avantajava em armas a todos os heróis” (*Nec solum me sed cunctos supereminet armis*, v. 1420).

Conclusão

Por todas as suas características, **Waltharius** é uma fonte que deve ser estudada e que tem muitos elementos a serem analisados. A épica antiga, como mostra o poema, teve grande influência nas narrativas medievais. Heróis invencíveis também aparecem no medievo, como Siegfried, tornado invulnerável em virtude do sangue do dragão que matou, mas tal como Aquiles tinha vulnerabilidade numa determinada parte do corpo e por este motivo encontrou a morte.

Outro herói, Artur, relacionado ao urso e ao dragão, aparece nas primeiras narrativas medievais como um guerreiro invencível, capaz de vencer em combate singular todos os que combatessem contra ele. Na **Historia Brittonum** (c. 800), de Nennius, o texto afirma que num único dia o herói matou 960 soldados, carregando o escudo com a imagem da Virgem Maria. Já na **Historia Regum Britanniae** (1135-1138), de Geoffrey de Monmouth, Artur, tornado “rei cristão”, continua invencível, chegando a matar dois gigantes.

Com a cristianização das aventuras arturianas, surge também a temática da viagem iniciática. Assim, os cavaleiros da tábua redonda deveriam enfrentar aventuras cujo prêmio é a conquista de um objeto sagrado, o Santo Graal, o qual restabeleceria a harmonia do reino arturiano em crise e que só poderia ser encontrado por um guerreiro puro, Galahad.

Outras narrativas medievais com influências célticas também desenvolveram o tema da viagem marítima do herói e as aventuras para chegar a um espaço paradisíaco, o que era realizado inicialmente por um guerreiro de sangue nobre, como Bran, filho de Febal (**The Voyage of Bran, son of Febal to the land of the Living**, c. século VIII), conduzido ao Outro Mundo por um ser feérico. Depois, com a cristianização dessas

narrativas, o objetivo era alcançar a Terra dos Bem-Aventurados ou o Paraíso Terreal, o que só poderia ser conseguido pelos santos, como São Brandão (ZIERER, 2005, p. 13-30).

Desta forma, pode-se afirmar que os elementos da épica antiga, como a construção do caráter do herói e a sua viagem iniciática, foram temas que influenciaram e se desenvolveram no período medieval. Daí a relevância da comparação desses textos e a compreensão de que, longe de uma ruptura entre Antigüidade e Medievo, houve uma continuidade entre os dois períodos. Ocorreu o florescimento de novos heróis, muitas vezes inspirados nos modelos clássicos e o desenvolvimento de toda uma literatura voltada às viagens imaginárias, as quais, cristianizadas ou não, foram influenciadas pelos percursos, perigos e provações de heróis como Ulisses e Enéas.

Documentação Textual

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: EDUSP, 2000.

TÁCITO. **Germânia**. Disponível em: www.ricardocosta.com Acesso em janeiro de 2007.

VERGÍLIO. **Eneida**. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Waltharius. Edición revisada, introducción, comentario y traducción castellana de Rubén Florio (edición bilingüe latin-castellano). Madrid: Bellaterra/Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad Autónoma de Barcelona, Nueva Roma 17, 2002.

Bibliografia

ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; KOLESNITSKI, N. **História da Idade Média. A Alta Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1979.

BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, (1949), 2005.

CURTIUS, E. R. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

CHEVALIER; GHEERBRANT. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

FLORIO, R. Estudio Introdutorio. In: **Waltharius**. Madrid: Bellaterra/Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad Autónoma de Barcelona, Nueva Roma 17, 2002, p. 17-74.

FRANCO JR., Hilário. Valtário e Rolando: Do Herói Pagão ao Herói Cristão, em ID. **A Eva Barbada. Ensaios de Mitologia Medieval**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 159-172.

GRIMAL, P. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

LEJAY, P. *Prudentius*. **Catholic Encyclopedia**. <http://www.newadvent.org/cathen/12517c.htm>, consultado em 20/08/2005.

LESSA, F. S. **O Feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LIBERMAN, A. Berserkir: A Double Legend. **Brathair**. Revista Eletrônica de Estudos Celtas e Germânicos, 4 (2), p. 97-101, 2004. www.brathair.com

LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, J. R. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2001.

MARKALE, J. **Le Roi Arthur et la Société Celtique**. Paris: Payot, 1977.

ROUCHE, M. A Alta Idade Média. In: **História da Vida Privada. Do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, v. I.

THEML, N. As Meninas Ursas: Festa de Integração Social. In: LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. M.C. **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-272.

VEYNE, P. O Império Romano. In: **História da Vida Privada. Do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, v. I, p. 13-59.

ZIERER, A. Artur de Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas. **Brathair**. Revista Eletrônica de Estudos Celtas e Germânicos, 2 (1), p. 45-61, 2002. www.brathair.com

_____. A Viagem de São Brandão e os *Imrama* Célticos. In: LUPI, J.; DAL RI JR. (Orgs). **Humanismo Medieval**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 13-30.

Notas

¹ Após a morte de Alarico, os visigodos saem da Itália para a Gália (412), e depois, da Espanha em 424, de onde rumam para instalar-se na Aquitânia. A população local